

L A B
i r i
n t o

CHRISTUS NÓBREGA

GOVERNO DE MINAS GERAIS E FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO APRESENTAM

ARTES VISUAIS



CHRISTUS NÓBREGA

LABIRINTO

20 DE DEZEMBRO DE 2017 A 4 DE MARÇO DE 2018

GALERIA MARI'STELLA TRISTÃO - PALÁCIO DAS ARTES

O Palácio das Artes recebe a produção contemporânea para manter o público sintonizado com as propostas que se renovam no campo plástico-visual brasileiro.

A diversidade das linguagens e a energia da experimentação dialogam com o interesse do espectador no desafio dessas trajetórias e na livre fruição da obra de arte.

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais

LABIRINTO-TEIA-TRAMA

A imagem fotográfica enquanto registro da memória é o ponto de partida primeiro de Christus Nóbrega para o desenvolvimento de seu original trabalho. Interior nordestino, tradição algodoeira, artesanato feminino. Álbum de família. História do artista. Partindo de tais referências, o artista está sempre a buscar novas formas para inscrever suas *impressões* de modo a não se restringir à linearidade do plano do papel fotográfico. Para tanto, dentre vários artifícios, tem incorporado inusitados elementos como alfinetes ou recortes que acabam por transformar fotografias em objetos tridimensionais.

Os registros da própria história pessoal do artista apelam para tradicionais artefatos da cultura popular de sua terra natal, a Paraíba, para transformá-los em labirínticos suportes tecidos em imemoriais bastidores. A rememoração de imagens é um consistente esteio para o percurso da arte e da vida do artista. Em **Labirinto**, a eleição da renda – que tem esse mesmo nome – como suporte de suas impressões familiares realiza uma conjunção de fatores que sintetizam sua própria trajetória.

O labirinto é feito pelo desmantelamento do tecido, sendo o linho transformado em linhas a serem remontadas segundo o traço escolhido para o desenho do próprio labirinto. A desconstrução da matriz do tecido resulta na construção de uma tela onde são bordados os motivos típicos de cada região. O desfiação do tecido é ainda, também, utilizado por Christus em instalações que remetem às artimanhas, tanto da aranha quanto de Ariadne. “*A aranha tece puxando o fio da teia, a ciência da abelha, da aranha e a minha, muita gente desconhece*”. A de Christus Nóbrega também.

É justo por esse motivo que a Fundação Clóvis Salgado submete à apreciação de seu público a artilosa tessitura do artista, que enreda todos no labirinto-teia-trama por ele tecido para, quase irremediavelmente, conduzir cada um ao que tem de seu.

Augusto Nunes-Filho

Presidente / Fundação Clóvis Salgado



DA TRAMA AO FESTEJO DO REGRESSO

A exploração da imagem vem sendo uma prerrogativa de pesquisa na trajetória de Christus Nóbrega. Interessa ao artista a potência que certos fragmentos da visualidade possam oferecer como síntese ou vertigem para criação de memórias. Ao falar de mundos, aparentemente, o seu ou de outros que o cruzam, mescla narrativas. Fotografia, vídeo ou arte computacional aparecem e se desdobram em instalação e objetos aglutinando, por meio de técnicas e de materiais, ambivalências referentes ao quanto de arcaico ou de inovador pode-se supor a concepção de tecnologias. Duração, permanência e impermanência são questões investigadas a partir do corpo e através dos contextos propiciados pelos deslocamentos de viagens exploratórias em vários de seus trabalhos.

A série *Labirinto* que dá título à esta exposição parte do corolário da expedição como método artístico. Junta-se a outros trabalhos a partir de uma metodologia de pesquisa que Christus denomina de “mitologia da viagem”. Neste procedimento, assume o percurso a um destino como reflexão dos repertórios que deflagram. A que nos submetemos enquanto nos deslocamos? O que provocam aquilo com que nos deparamos? O que encontramos pelo caminho que nos transforma? Parece interessar-lhe também, em parte, a (re)interpretação literária ou imagética do tema do “andarilho”. Como já havia mencionado em textos anteriores referentes ao acompanhamento crítico desta série em especial, a “trama dentro da trama” é um dos aspectos que caracteriza o entendimento desta produção. O artista revisita o álbum de família, a história social de um lugar e apresenta obras que têm a renda labirinto primordialmente como matriz.

É preciso novamente destacar que Christus nos conecta com uma outra concepção de Labirinto. Aqui, um tipo de renda introduzida no Brasil no século XVII por tradições europeias, da qual o artista preserva parte da técnica do bordado ao mesmo tempo que intercede em favor de sua pesquisa poética. Mantém o linho, considerado tecido nobre e símbolo de herança colonial e da economia do algodão. Reatualiza o estiramento do pano no bastidor como recurso e efeito de tela. Estuda e enfatiza detalhes da trama têxtil e gravuras. Por esta técnica, depois de feito o risco do desenho sobre o tecido, são escolhidas zonas para confecção da trama a partir da contagem e do corte dos fios. A cada sequência de três linhas, as três seguintes são cortadas. Os motivos, desta forma, são produzidos pelo desfiamento, preservação e preenchimento dos sulcos pelos fios, e aparecem, sobretudo, como resultado do vazio.

Nesta circunstância de “desmantelamento” como menciona, pela qual a renda é produzida, surge também a história de Chã dos Pereiras. Distrito do peque-

no município de Ingá, cerca de 100 km de João Pessoa, na Paraíba, estado de origem do artista, é o maior polo produtor de Labirinto da região. Lá, é confeccionado exclusivamente por artesãs mulheres. Naqueles arredores, também morou sua avó. Ao ficar viúva e perder a pensão, viu-se obrigada a dar os seus seis filhos para os cuidados de familiares e instituições religiosas. A venda da renda tornou-se parte dos recursos possíveis para manter o seu sustento. É preciso portanto um procedimento de tessitura arqueológica para seguir as trilhas que surgem daí. Toda velha história como uma nova descoberta.

Os trabalhos aqui reunidos são o resultado de cerca de três anos de idas e vindas ao lugar, às memórias e à experiência de um caminho inesgotável. Período de viagens regulares à região, testes de materiais, coletas de imagens, de depoimentos e de relações de troca com as rendeiras e membros da família. Fazem parte desta exposição em específico a série dos *Estandartes*, que são apresentados agora de maneira mais completa juntamente com trabalhos inéditos, compondo ao todo aproximadamente 30 obras. Por esse conjunto é possível perceber os caminhos que o trabalho suscita e arriscar perspectivas a partir do que é aqui exibido no Palácio das Artes.

A TRAMA DENTRO DA TRAMA – DO CAMINHO QUE SE BIFURCA EM OUTRO

Um primeiro segmento desta série é aquele que entendemos como propulsor das associações relativas à noção de Labirinto. Por um lado, esse tipo de construção material humana concretiza a existência de trajetos sinuosos, intrincados e inextricáveis. Combina formatos como o de espiral e o de trança. Diz respeito a um traçado complexo que cabe numa medida exata de espaço enquadado. Por outro, como condição abstrata, encarrega-se de ser a exemplaridade da noção de infinito. Como disse Jorge Luis Borges: “Não haverá nunca uma porta. Estás dentro”.

Fazem parte deste complexo os *Estandartes*, em que o rendado em parte da imagem é uma espécie de hematoma dessa revisão arqueológica do álbum de família. Mantêm-se formas vegetais estilizadas do bordado de agulha pelas rendeiras. Mas gavinhas, palmas, folhas e flores em pontos usuais como perfilado, cerzido e de fios tirados ocupam programaticamente algumas zonas das telas. Inserem-se para compor com a imagem e não apesar dela, ou por conta dela. As áreas em que se concentram o entrelace da renda enfatizam também a possibilidade do “risco de olho”, sem esboço e direto no pano. Os trabalhos *A freira*, *As três irmãs*, *A menina de sapato de boneca*, *A visita de tio Gildo à praia*, *As duas amigas*, *A menina no pátio* são cerzidos de forma a sugerir a experiência errante do artista, que faz perceber o sempre ter estado dentro, sem nunca pertencer totalmente àqueles acontecimentos.

Sempre fez parte das preocupações do artista as formas de apresentação para estimular uma aproximação com descobertas durante o processo de pesquisa. Algumas obras das impressões de pigmento mineral sobre linho são colocadas em tela, como *Menina sentada I*, *Menina com livro* e *A menina e a moça de saia rodada*. Acabam aludindo, pelo estiramento do pano na moldura, ao artifício do bastidor, o caixilho de madeira utilizado para produção do bordado.

Outras porém foram concebidas para serem dispostas como espécie de bandeiras. Precisam estar soltas, mas esticadas o suficiente, afastadas das paredes, dependuradas, expostas a uma iluminação mais pontual de maneira a se explorar o efeito de duplicidade dos tipos de imagem. Uma é a que avistamos frontalmente. E, pode-se supor uma certa cena, como *A menina no pátio*, por exemplo. Outra é a descoberta da trama da renda por meio da projeção de sua sombra, dando pistas dos variados caminhos bifurcados que, embora separados, agora se religam, um a um, como fios de histórias que se cortam e levam a outras. A projeção da sombra por sua vez também opera com valores de rememoração da experiência. Invoca-se a visão que se encontra ao chegar à Chã dos Pereira e se deparar com os panos esticados pelas rendeiras ao ar livre, na pequena rua da cidade, para deixá-los secar sob a intensa luz solar do Nordeste brasileiro.

No processo da renda temos as relações citadas pelo artista: “retirar para reter, desgastar para reconstituir, esgarçar para remendar, dismantelar para reorganizar”. E também modos de constituição do Eu com o Outro. Na origem mitológica, Teseu, preso no palácio cretense de Minos, consegue sair com ajuda do fio de Ariadne. Mas é a experiência da viagem iniciatória, o exílio na prisão e o terror em enfrentar a fera Minotauro que fazem com que se qualifique como sujeito. Portanto são vários os artifícios de negociação pelas tratativas com as artesãs sobre outras maneiras de repetir sobre o mesmo riscado.

A RECONCILIAÇÃO - O FESTEJO DO REGRESSO

Um outro segmento desta série é apresentado pela primeira vez. Ficam evidentes os desdobramentos dessa construção mitológica da viagem sobre a qual o artista comenta. “Baseio-me em três mitos. O ‘carro’ do tarô são viagens de cunho exploratório e extrativista; o ‘exu’, entidade religiosa de origem africana, são as viagens de negociação; e o ‘filho pródigo’ diz respeito às viagens de retorno”.

São quatro composições múltiplas de obras inéditas. Os *Apêndices* reaparecem para ressaltar o sentido do livro, em seu trabalho, como ideia de abrigo, de lugar de proteção e refúgio diante de dificuldades da vida, como as enfrentadas por vezes na infância. A instalação é um axioma do seu exemplo materno de dedicação aos estudos. Ali os livros aparecem como pequenas casas vistas de cima tendo os recortes de motivos florais encaixados entre as páginas. Problematizam a hierarquia dos elementos relevantes para as memórias particulares, se o livro é suficiente ou é imprescindível o apêndice.

Ao termos *Lamento Della Ninfa*, madrigal de Claudio Monteverdi, como fundo sonoro por toda a exposição a partir da vídeoinstalação *Perpétua*, somos tocados pelos lamentos dos contrapontos barrocos com fraseado persistente e padrão rítmico repetido. Podemos pensar tanto na herança de técnicas imemoriais que subsistem, quanto da memória gestual impregnada ao corpo. Na cena, mãos repetem o movimento do bordado, mas sem as ferramentas que o motivam. O “instrumento mão” solto no ar remete ao exercício mecanizado, apreendido, quase automático, que adensa a melancolia do gesto incessante e cotidiano de trabalho. É um gesto ínfimo e ao mesmo tempo grandioso. Como uma orquestração de um conhecimento conduzido pelas próprias mulheres labirinteadas.

A parábola do filho pródigo do Evangelho de Lucas aparece de forma explícita em *Memorial*. 15:11-32 é gravado sobre uma placa de mármore rajado na paleta tonal de branco e cinza dos trabalhos, juntamente com o motivo do Labirinto. Para obter o resultado computacional a partir da renda, esta é digitalizada, vetorizada e o mármore colocado numa fresa com calibre preciso e horas de perfuração. Ora lápide, ora renda. Remete às relações entre efêmero e eterno, entre durável e volátil. E, por extensão, desestabiliza os juízos de valor sobre as capacidades tecnológicas. Para o artista, funciona como uma pergunta acerca “das tecnologias de tradução”, ou seja, de processos técnicos que passam da mão à máquina e, no limite, dão existência ao tema da obsolescência.

Há um propósito declarado de revisionismo crítico nesta pesquisa artística da parábola, que faz parte de uma trilogia sobre a “redenção”. O ponto de vista assumido não é o do arrependimento, nem tampouco o da conversão. Chama mais atenção o aspecto de reconciliação com a própria história. Nessa revisão dos trajetos, toma como princípio não a interpretação da culpa pelo sujeito que parte de casa, mas que merece a festa ao retornar. Essa celebração pelos desafios assumidos, o enfrentamento às hierarquias, o desbravamento de fronteiras, a instigação dos limites e a ruptura e retomada com laços afetivos é em certa medida a compreensão do artista pelo retorno expedicionário a um território de pertencimento geográfico e biográfico. Esta posição é potencializada pela utilização de um fragmento do quadro do pintor italiano Pompeo Battoni, do período Rococó, caracterizado pelo apreço decorativo e na aparência delicada, leve e de certa graciosidade, sem tanta penitência ou piedade, como as encontradas em referências da história da arte do período antecessor.

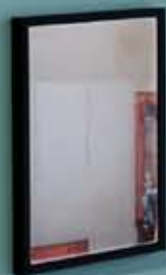
No conjunto de *Apêndices* ao lado da fotografia *Alaíde* aparece pela primeira vez a figura da avó do artista numa imagem esmaecida. Ao seu redor pequenos elementos que funcionam como pistas, lembranças e histórias para rememorações. A disposição aleatória dos elementos lembra a privacidade da casa e o modo particular de embelezar o interior ou demonstrar apreciação estética. Na intimidade, virava quadro, e era exposto, aquilo que se apreciava, sem regras para a disposição ou modelos referenciais de decoração. Desta forma, as imagens coloridas espalhadas pelo ambiente marcam os sutis desvelamentos dos processos de busca. A curadoria privilegia o entrelace das peças por meio dessas marcações, que funcionam como pequenas pausas para as lembranças pontuais as quais podemos estar impelidos ao percorrer nossas próprias tramas.

Cinara Barbosa

Curadora

L A B
i r i
n t o

CHRISTUS NÓBREGA









































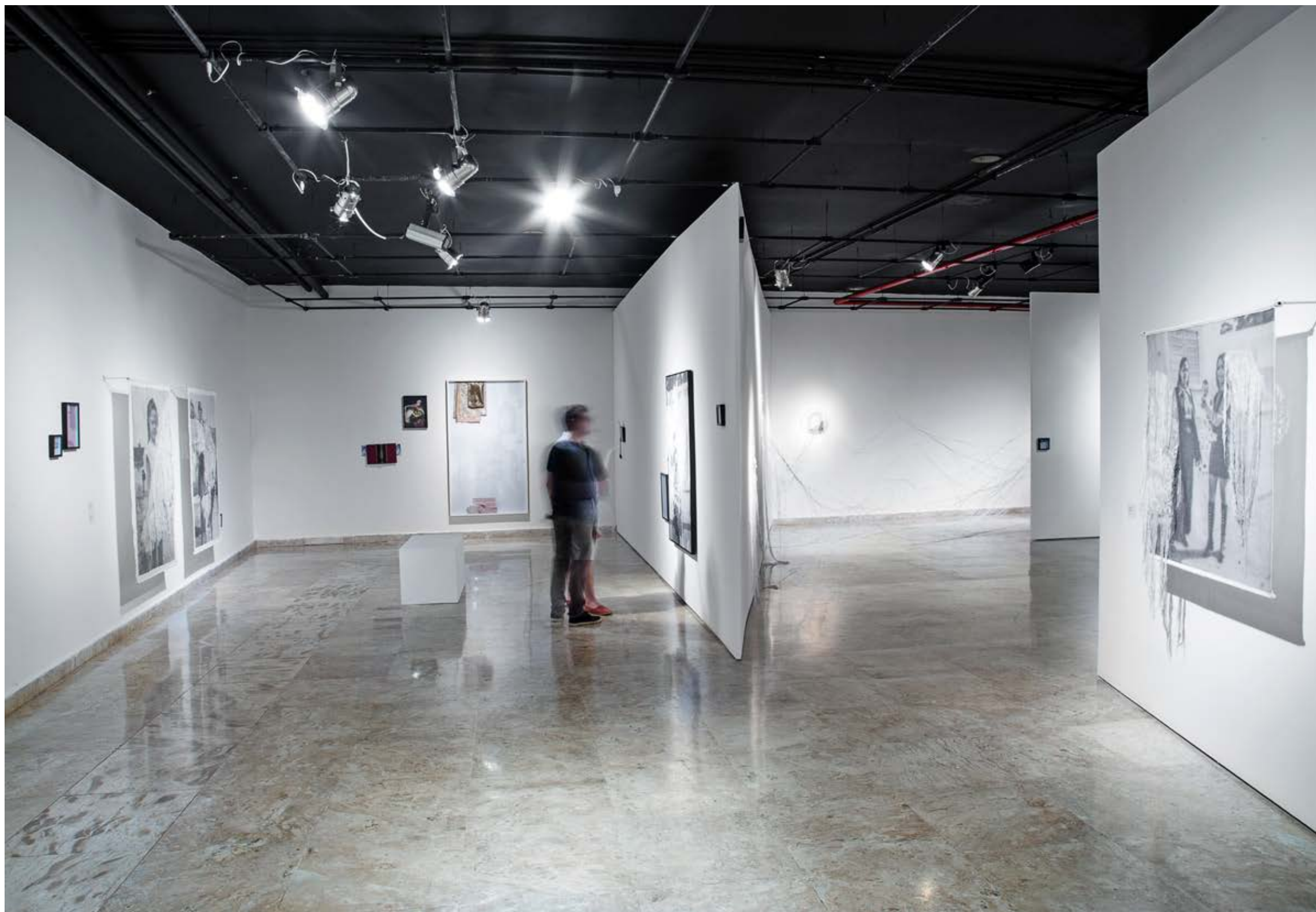






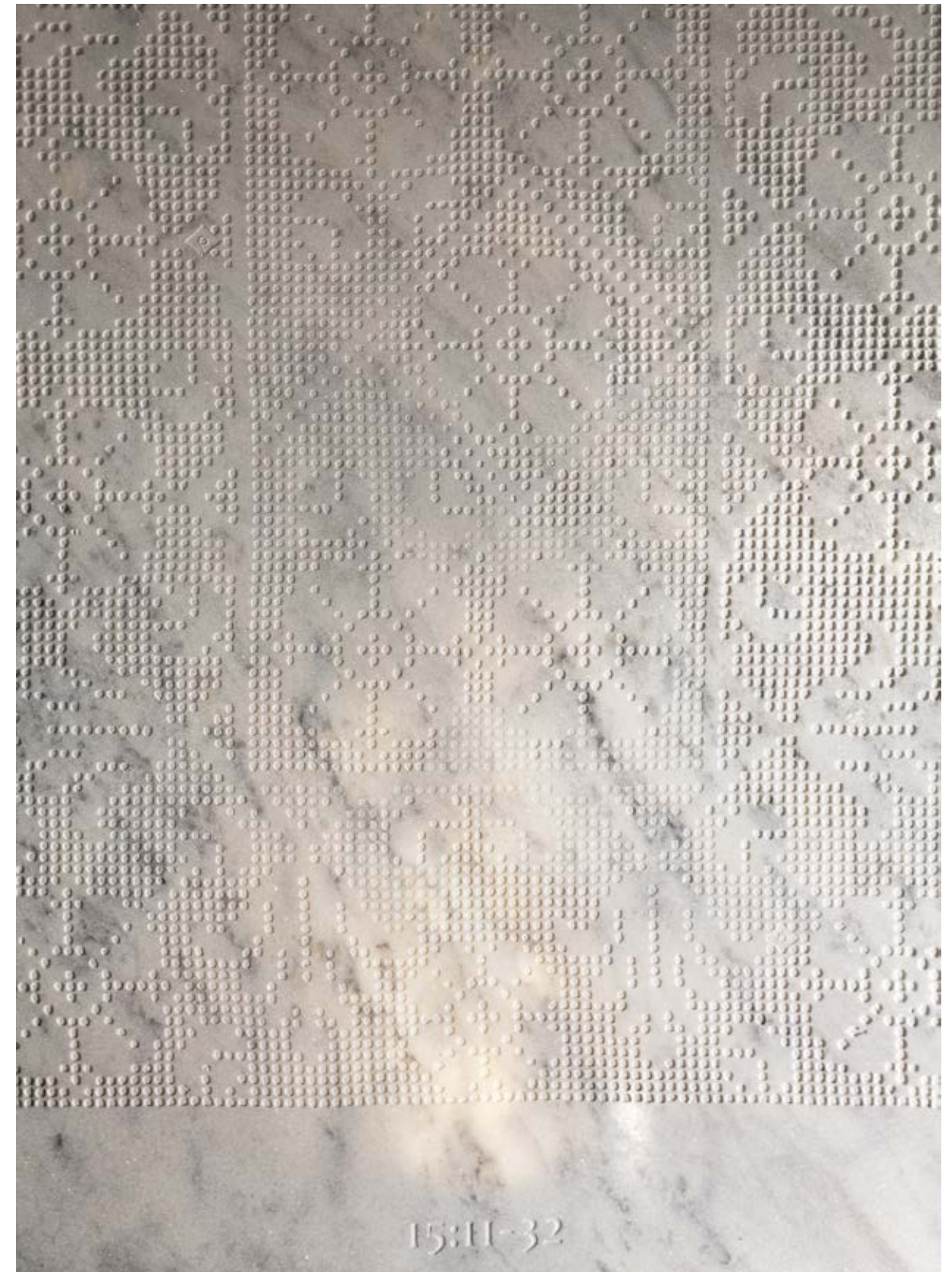




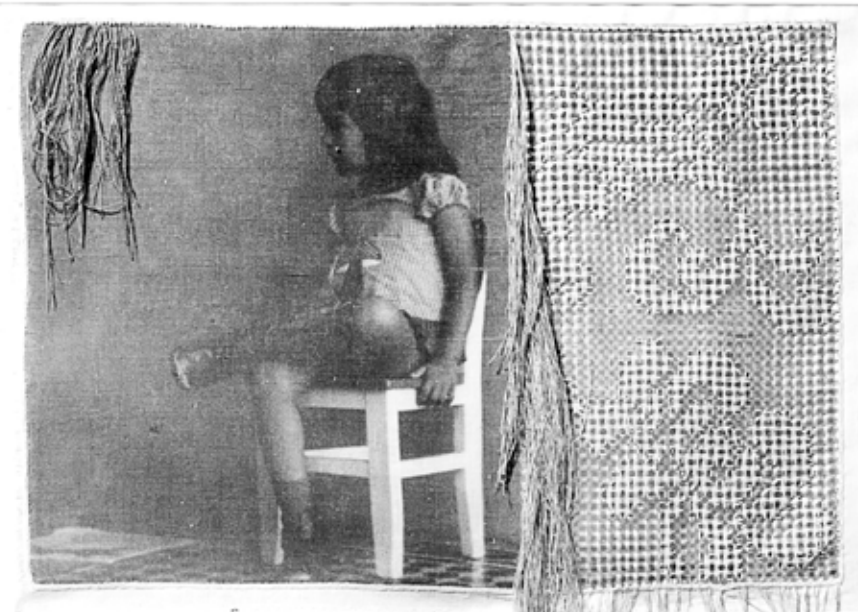
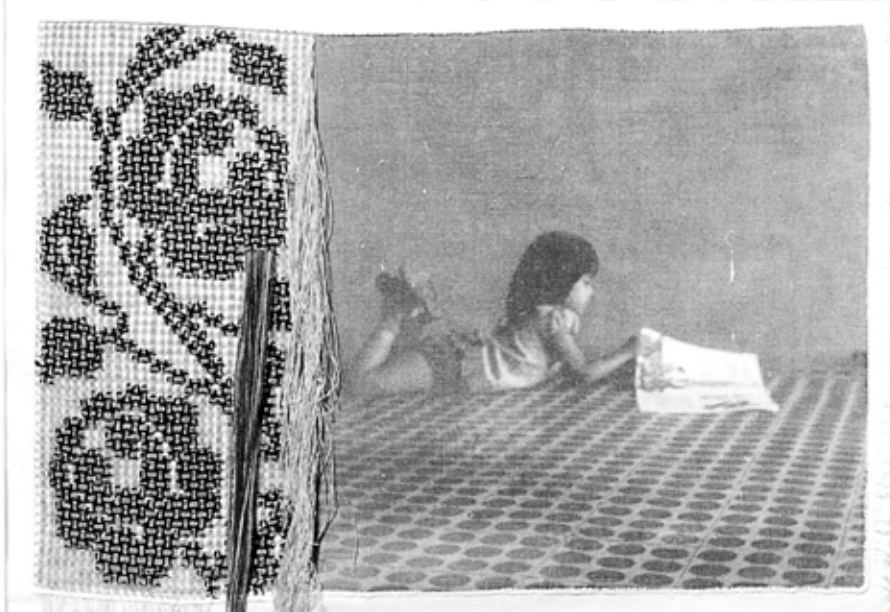




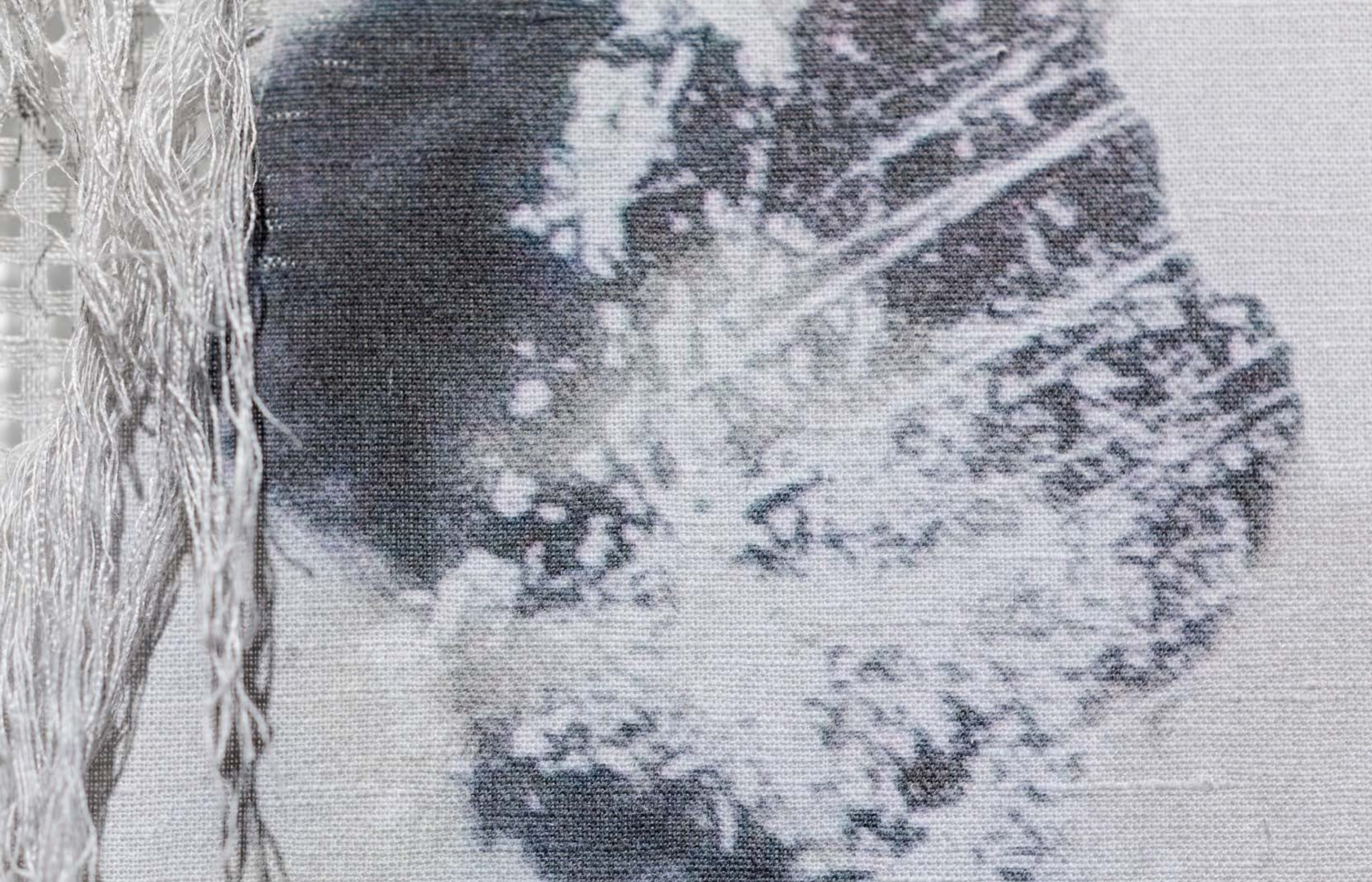
























BIOGRAFIA

Artista e Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais (VIS), do Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília (UnB). Doutor e Mestre em Arte Contemporânea pela UnB. Leciona e orienta nos cursos de Pós-Graduação em Artes da mesma instituição. Vem participando regularmente de exposições nacionais e internacionais em espaços públicos e privados tais como: Centro Cultural do Banco do Brasil, Museu de Arte do Rio, Museu Nacional, Palácio das Artes, Centro Cultural Elefante, Paço das Artes, Centro Cultural dos Correios, Santander Cultural, Fiesp, Centro Cultural Oi Futuro, entre outros. Tem obras em acervos e coleções privadas e institucionais, a exemplo da Fondation Cartier – Paris, no Museu de Arte do Rio (MAR) – Rio de Janeiro, no Museu Nacional – Brasília, no acervo do Itamaraty e na Central Academy of Fine Arts – Pequim. É autor de livros e artigos científicos na área de artes e arte/educação. Indicado ao Prêmio Pipa (2017) e Premiado pelo Programa Cultural da Petrobras (2004 e 2011) e pelo Museu da Casa Brasileira (2004). Em 2015 representou o Brasil na China, pelo Programa de Residência Artística do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, na universidade chinesa Central Academy of Fine Arts (CAFA).

LISTAGEM DE OBRAS

15
As três irmãs
impressão sobre linho rendado
110 x 110 cm
2017

17
A moça
impressão sobre linho rendado
110 x 110 cm
2017

18
A menina de sapato de boneca
impressão sobre linho rendado
110 x 110 cm
2017

24
A freira
impressão sobre linho rendado
110 x 150 cm
Coleção de Iara Menezes

28-31
Tia Ieda, I, II, III
impressão sobre linho rendado
50 x 40 cm
2017

35
As duas amigas
impressão sobre linho rendado
110 x 110 cm
Coleção particular de Onice Moraes
2017

36-37
Perpétua
videoinstalação
3 minutos
2017

40
Janelas
pigmento mineral sobre papel de algodão
Políptico - 15 x 15 cm / 20 x 30 cm / 30 x 40 cm
1998-2017

43
A visita de tio Gildo à praia
impressão sobre linho rendado
150 x 110 cm
2017

52-59
Gildo e Ione
impressão sobre linho rendado
dimensões variadas
Coleção de Onice Moraes
2017

Iara, Ieda e Toinho
impressão sobre linho rendado
dimensões variadas
Coleção de Onice Moraes
2017

62
Memorial
placa de mármore; fotografia recortada acolhida
em livro
110 x 80 cm
2017

63
Apêndice I
fotografia recortada acolhida em livro
100 x 200 cm
2017

70-71
Menina sentada
impressão sobre linho rendado
60 x 60 cm
Coleção particular de Onice Moraes
2017

Menina com livro I
impressão sobre linho rendado
60 x 90 cm
Coleção Onice Moraes
2017

76
A cuidadora de cães
impressão sobre linho rendado
110 x 150 cm
2017

77
A menina ao vento
impressão sobre linho rendado
110 x 150 cm
2017

79
Alaide
pigmento mineral sobre papel de algodão
100 x 200 cm
1998-2017

81
Apêndice II
fotografia recortada acolhida em livro
100 x 100 cm
2017

82
O lado de Fora
impressão sobre linho rendado
110 x 110 cm
2017

Apêndice III
fotografia recortada acolhida em livro
100 x 200 cm
2017

A menina e a moça de saia rodada
fotografia recortada acolhida em livro
110 x 150 cm
2017

AGRADECIMENTOS

Bruno Bernardes / Galeria Ponto
Iara Menezes
Murilo Castro
Onice Moraes
Sylvia da Fonseca

FICHA TÉCNICA

Governador do Estado de Minas Gerais
Fernando Damata Pimentel
Vice-Governador do Estado de Minas Gerais
Antônio Andrade
Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Secretário Adjunto de Estado de Cultura de Minas Gerais
João Batista Miguel

FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO

Presidência
Augusto Nunes-Filho
Diretoria de Relações Institucionais
Gilvan Rodrigues
Diretoria de Produção Artística
Cláudia Malta
Diretoria de Programação Artística
Philippe Ratton
Diretoria do Centro de Formação Artística e Tecnológica
Vilmar Pereira de Sousa
Diretoria de Planejamento, Gestão e Finanças
Kátia Carneiro

Assessoria de Comunicação Social
Júnia Alvarenga

Coordenação do Núcleo de Design
Vitor Garcia
Núcleo de Design
Yasmin Moura, Victor Endo, Guilherme Tecianelli* e Ângela Peres*
Coordenação do Núcleo de Imprensa
Vitor Cruz
Núcleo de Imprensa
Thamiris Rezende, Daniel de Matos*, Maria Eliana Goulart (revisão editorial) e Paulo Lacerda (fotografia)
Coordenação do Núcleo de Mediação
Leandro Heringer
Núcleo de Mediação
Luciana Ferreira, Calebe Souza, Júlio César Resende, Ana Carolina Nicolau* e Matheus Tasca*

*estagiários

Gerência de Artes Visuais
Uiara Azevedo
Coordenação das Galerias
André Murta
Produção
Ana Carolina Martins e André Mimiza
Apoio Administrativo
Jairo de Oliveira
Montagem
Edivaldo Gomes da Cruz e Gestalt - Produção Cultural
Estagiário Administrativo
Arthur Bacha
Estagiários de Artes Visuais
Flaviana Lasan e Otávio Arcanjo
Laudos Técnicos do Estado de Conservação das Obras
Alice Gontijo
Curadora
Cinara Barbosa
Arquiteto
Gero Tavares - Studio Tavares
Cenografia
Fala Cenários

Fotos
Daniel Moreira
Foto da biografia
André Vilaron

Mantenedor



Patrocínio Master



Patrocínio Ouro



Patrocínio Prata



Promoção



Correalização



Realização



